

[Mara Coradello
não é uma autora estreante]¹

[Mara Coradello
is not a Debut Author]

Maria Amélia Dalvi*

Mara Coradello não é uma escritora estreante – ao contrário. Seu percurso ficcional inclui diversos prêmios locais e nacionais e algum reconhecimento (sempre aquém ao valor de sua escrita) fora das fronteiras do nosso “estado-mínimo”: a piada, aqui, é com a miserável capixabice que dividimos, mas, igualmente, com o momento econômico-político do e no qual nós, brasileiros, emergimos e imergimos.

Seu novo título, *Post its de carne & putrefação*, dado a público pela Editora Maré, evidencia um duplo movimento: um amadurecimento, que (porém) se manifesta justamente pelo encolhimento da preocupação com a perfeição formal. Nesse sentido, o aspecto de inacabamento de alguns textos e a recuperação de

¹ DALVI, Maria Amélia. [Mara Coradello não é uma escritora estreante] (Prefácio). In: CORADELLO, Mara. *Post its de carne & putrefação*. Vitória: Maré, 2021. p. 5-9.

* Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

metáforas recorrentes denotam uma escritora menos preocupada em provar a que veio – é um prazer lê-la tão mais liberada. Coradello sabe quem é, e seus leitores habituais, como eu, não hesitam em reconhecer na nova obra uma mesma autora e já agora outra.

Desde a epígrafe de Maiakóvski, o trânsito por verso e prosa poética, a bipartição da obra, a reiteração interna evidenciam que, a despeito da possível primeira impressão, tudo ali é projeto: de um lado, uma escrita “*post-ítica*”, na forma de lembretes, bilhetes breves, antimonumentais; de outro, o movimento dialético entre o que não deve ser esquecido (e, portanto, merece um “post it”), mas não deve ser sacralizado, fetichizado. O risco é a lógica do descarte, do consumo: entretanto, Mara Coradello enfrenta esse risco com uma compreensão crítica de seu tempo, calcada na história, ao mesmo tempo ora reproduzindo, pelos cortes dos versos, ora o ritmo alucinado de nossos tempos, ora alongando o tempo da reflexão.

[...] Há algo da arte da insurgência pura
no moço que, camiseta no rosto,
arrasta o pneu até o meio da rua

4 da manhã
gasolina e sede em punhos
ateia fogo na vida
num balé que revoluciona
a cidade, a luta, a poesia.
Há algo de arte
na moça
masculinizada pela blusa larga preta,
bandana de ianque americano no rosto,
maquiados os olhos em labaredas.
(CORADELLO, 2021, p. 19)

Ao rimar pura / rua / punho ou preta / labareda, Mara Coradello incorpora à forma o conteúdo de seu pensamento sobre o mundo. Valha o clichê: nada na obra é definitivo. Nesse sentido, os poemas, a partir da reelaboração artística, reproduzem o movimento do real naquilo que ele tem de essencial – sem, contudo, recair no mero descritivismo:

Rascunho de Rua

[...]

A rua nos alcança em nossa tez mais límpida
mais suja da razão

É de sentar em sua cadeira da história
que o povo fica monstro enternecido

Acordai, monstro do turbilhão

o atalho – seu olhar de consternação com o mundo

Não se acostume com o mundo

'Não se apaixone por nós'

A rua inteira é um rio de medo,

mas medo caudaloso e perene

se torna aço de cortar as mãos

do carrasco

(CORADELLO, 2021, p. 15-16)

Estar no meio

[...]

Enquanto eu for forte

gente

lúcida,

vou ser louca, fraca, resto, à margem,

flor no vão do asfalto

morro, pedra, garrafa de cachaça,

miragem de meu próprio medo.

(CORADELLO, 2021, p. 17)

As referências literárias e mesmo os poemas de homenagem não estão, ali, para cumprir (apenas) o protocolo do beija-mão. A escrita de Mara Coradello nos poupa disso. O diálogo se estabelece entre iguais, entre pares, e a poeta outorga a si mesma esse lugar forte, assume o risco, sem intimidar-se perante a monumentalidade, como acontece nos poemas dedicados a Luz del Fuego ou Hilda Hilst, ou ainda nesses versos que recuperam e atropelam certo Drummond paralisado, admirado, às 5 da tarde no caos do asfalto e da cidade:

Acaba mundo, em flor vermelha brotando do negro

em lágrima de mãe postíça,

em cheiro da mais nobre carniça.

(CORADELLO, 2021, p. 18)

Post its de carne & putrefação não poupa ninguém mesmo, particularmente a classe média, as neomistificações, o patriarcado:

A classe média da poesia se balança
entre sim não esquerda direita cinismo
empreguinhos e pequenos subornos de almas
nem sequer teriam valor na imobiliária dos lirismos.
(CORADELLO, 2021, p. 29)

Arre, gente medrosa, se empanturra de pão e xaropes de
ódios cultivados odara na yoga
(CORADELLO, 2021, p. 30)

Paga que você encontra outra igual na próxima esquina
ou no próximo clique.
Só existe amor de espátula, nunca de vagina.
Porque somos todas iguais, macias e flexíveis,
prontas a acolher suas miseráveis existências
como quem copula com Deus.
(CORADELLO, 2021, p. 62)

Mas, sendo um livro de Mara Coradello, não poderia faltar a frase lapidada e,
claro, o amor, o corpo, o gozo, em chave meta-irônica e mesmo, eventualmente,
desencantada: “Mas meu amor não é cordiforme. Se tivesse a forma de um
órgão, meu amor seria uma perna, um fígado, ou mesmo um inferno.”
(CORADELLO, 2021, p. 27); ou:

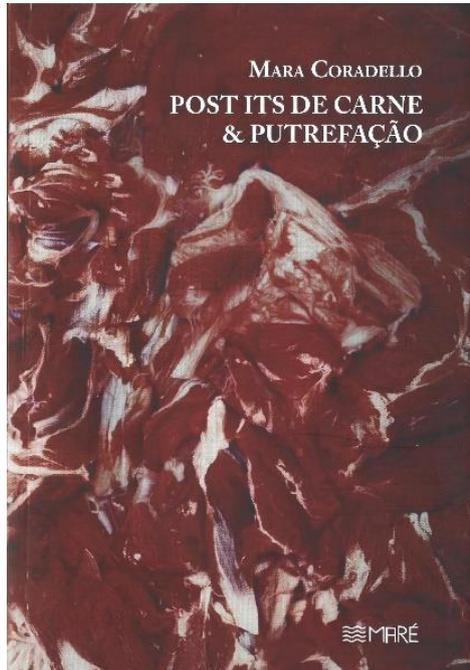
Para o moço do Transcol 500

Casei por minutos com o moço de estatura mediana,
de braços cheios,
que ondulava ao largo da terceira ponte
Nos separamos na Avenida Vitória.

Fui, resoluta e saudosa (CORADELLO, 2021, p. 37)

Nada, nem mesmo o amor, nos iguala tanto quanto a morte.
(CORADELLO, 2021, p. 40)

Fica, pois, o convite reiterado à leitura. Não posso dizer que nesta obra Mara
Coradello se supera: sou da opinião de que careceremos ainda de certa distância
para saber em qual de seus livros ela apresenta sua versão de prosadora e poeta
mais exuberante.



Mara Coradello não é uma escritora estreante – ao contrário. Seu percurso ficcional inclui diversos prêmios locais e nacionais e algum reconhecimento (sempre aquém ao valor de sua escrita) fora das fronteiras de nosso “estado-mínimo”: a piada, aqui, é com a miserável capixabice que dividimos, mas, igualmente, com o momento econômico-político do e no qual nós, brasileiros, emergimos e imergimos.

Seu novo título, *Post its de carne & putrefação*, dado a público pela Editora MARE, evidencia um duplo movimento: um amadurecimento, que (porém) se manifesta justamente pelo encolhimento da preocupação com a perfeição formal. Nesse sentido, o aspecto de inacabamento de alguns textos e a recuperação de metáforas recorrentes denotam uma escritora menos preocupada em provar a que veio – é um prazer lê-la tão mais liberada. Coradello sabe quem é, e seus leitores habituais, como eu, não hesitam em reconhecer na nova obra uma mesma autora e já agora outra.

Desde a epígrafe de Maiakóvski, o trânsito por verso e prosa poética, a bipartição da obra, a reiteração interna evidenciam que, a despeito da possível primeira impressão, tudo ali é projeto: de um lado, uma escrita “post-rica”, na forma de lembretes, bilhetes breves, antimonumentais; de outro, o movimento dialético entre o que não deve ser esquecido (e, portanto, merece um “post it”), mas não deve ser sacralizado, fetichizado. O risco é a lógica do descarté, do consumo: entretanto, Mara Coradello enfrenta esse risco com uma compreensão crítica de seu tempo, calcada na história, ao mesmo tempo ora reproduzindo, pelos cortes dos versos, o ritmo alucinado de nossos tempos, ora alongando o tempo da reflexão.

Capa de *Post its de carne & putrefação*
e a página inicial do prefácio de Maria Amélia Dalvi.